

APRESENTAÇÃO

Prof^a Dr^a Ermelinda Maria Araújo Ferreira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Conquanto a apreensão simultânea da imagem seja em grande parte ilusória, exigindo o que poderíamos chamar uma *leitura*, o certo é que o quadro, a sala, a paisagem, apresentam-se aos nossos sentidos como uma totalidade. Atenda-se ainda à circunstância de que toda contemplação é um fenômeno nada simples e infinitamente matizado: diante do quadro, só a visão é invocada, mas a intensidade da sua leitura vai depender do estado de espírito e do nível cultural do contemplador; a temperatura, o silêncio reinante ou os ruídos. A leitura da paisagem é incompleta se não se nota a ausência ou a intensidade do vento, o odor de resina ou de fumaça, o zumbir dos insetos.

Osman Lins

Por ocasião do centenário do escritor pernambucano Osman Lins reunimos nesta coletânea artigos de minha autoria publicados em periódicos diversos, em diferentes momentos, com o objetivo de disponibilizar este material crítico numa única publicação, como forma de homenagem. “Como se o tempo fosse uma paisagem”, título do livro, é uma citação de uma frase do próprio autor que parece contrariar a percepção clássica estudada por Lessing sobre as artes ditas irmãs, ainda que rivais: as “espaciais” e as “temporais”. Este tema, abordado academicamente desde a sua tese de doutorado, coincide com um dos maiores investimentos experimentalistas do autor na sua busca por uma renovação do gênero narrativo romanesco, na atmosfera de ameaça de sua sobrevivência numa era que já anunciava o predomínio das mídias eletrônicas sobre o suporte do livro impresso.

O imaginário interartístico da obra osmaniana é notório, convergindo para a sua criação referências a obras, estruturas, procedimentos e modos de recepção de outros registros além do literário: o pictórico, o iconográfico, o musical, o teatral, que dialogam todos, de múltiplas e inusitadas formas, no âmbito de uma surpreendente originalidade do fazer poético comprometido, engajado, mas sobretudo apaixonado: que ora prioriza a razão, o método e a objetividade, ora mergulha deliberadamente na beleza do ornamento e no encantamento da emoção.

O livro está dividido em três partes, refletindo sobretudo em questões comparativas e intersemióticas. Na primeira, abordamos a obra de narrativas Nove, novena (1966) em três capítulos: “Iluminuras verbais osmanianas: o *Retábulo de Santa Joana Carolina*”; “O conto assina(la)do pelo ponto”; e “Cheias de graça: as poéticas mambembes de Guimarães Rosa e Osman

Lins”. Na segunda, exploramos o romance *Avalovara* (1973) em seis capítulos: “A ekphrasis como técnica de transcrição intersemiótica”; “O retrato perdido na origem da criação da personagem osmaniana”; “A dama e o unicórnio: exercícios de imaginação”; “Cosmofonia osmaniana: Roos e a orquestração sonora simbólica do romance trovadoresco em *Avalovara*”; “Cosmofonia osmaniana: Cecília e a orquestração sonora simbólica do romance de 1930 em *Avalovara*”; e “Cosmofonia osmaniana: ☉ e a orquestração sonora simbólica do romance real maravilhoso em *Avalovara*”. Na terceira parte, estudamos o romance *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976) em três capítulos: “Osman Lins e Jorge Luis Borges: testamentos literários”; “Báçira: da loucura à sagração literária em Osman Lins”; e “Osman Lins educador”.

Desejamos que essas leituras possam contribuir como estímulo à reflexão crítica e à visitação sempre renovada e prazerosa da obra de Osman Lins.

Recife, 4 de agosto de 2024.

